

Representações de D. Pedro II nas charges e caricaturas de seu tempo

Lidia Lerbach de Souza¹

Introdução

A arte da caricatura é muito mais antiga do que se pensa. Segundo Herman Lima (1963), é anterior ao próprio homem, pois antes da criação, Deus já fizera a primeira caricatura: o diabo. Para castigar sua rebeldia, Lúcifer fora expulso do céu e transfigurado de anjo em demônio, com asas de morcego, chifres de touro, língua de serpente, pés de cabra, garras de macaco e rabo de leão. A figura do diabo, sendo uma distorção da imagem do anjo, é a sua caricatura.

Trata-se de uma pintura que se assemelha à poesia satírica, utilizada para vingar a dignidade ultrajada, expondo os vícios e ações dos culpados ao ridículo diante do público, tribunal do qual não dá para fugir (LIMA, 1963, p.5).

Utilizada como instrumento de crítica e análise dos costumes políticos e sociais, desde há muito tempo, a caricatura é uma arma poderosa da imprensa por seu caráter universal e autêntico. Já no século XVI, artistas italianos e franceses ilustravam, com desenhos satíricos e caricaturais, críticas a fatos políticos de seu tempo, como a derrocada do reinado de Luís XVI e Maria Antonieta, por exemplo.

1 Mestranda em Língua Portuguesa PUC-SP contato: lidialerbach@yahoo.com.br

Para além da crítica política momentânea, com o passar do tempo, a caricatura foi ganhando importância também como “divulgadora dos acontecimentos contemporâneos, a tal ponto que a própria História se verá forçada a recorrer a uma expressão do grotesco intencional numa charge do passado, para a exata compreensão dos homens e das coisas de seu tempo.” (LIMA, 1963, p.5)

Nas palavras de Charles Baudelaire (apud Távora, 1975, p.6) , “a caricatura tem direito à atenção do historiador, do arqueólogo, dos filósofos; ela deve tomar o seu posto nos arquivos nacionais e nos registros biográficos do pensamento humano”. É possível conhecer a história de um país por meio das caricaturas, que dão conta de retratar todo um período histórico e imprimir, em suas linhas, o clima de opinião da época, que ficará registrado para a posteridade.

No Brasil, a liberdade de imprensa, a partir de 1821, favoreceu o surgimento de inúmeros jornais e panfletos. Numa época em que o analfabetismo atingia mais da metade da população, a charge e as caricaturas se tornaram ferramentas muito úteis para a veiculação de notícias e críticas sociais e políticas. O humorismo gráfico encontrou, na imprensa brasileira, uma acolhida que lhe garantiria lugar cativo por muitos anos.

As primeiras publicações , inicialmente avulsas e, posteriormente, inseridas em jornais ou revistas, , datam da década de 1830. No entanto, é na segunda metade do século XIX que a ilustração na imprensa brasileira atinge seu auge, assumindo um papel de destaque no jornalismo. (ROMUALDO, 2000, p.14)

O segundo reinado é considerado a época de ouro da caricatura brasileira. A imprensa ilustrada oitocentista, apesar da técnica ainda rudimentar da litografia, contava com grandes nomes dessa arte, como Manoel de Araújo Porto-Alegre, Angelo Agostini, Rafael Bordalo Pinheiro, Cândido Aragonês de Faria e Henrique Fleiuss, cujos trabalhos ocupam, hoje, lugar de documento histórico nos museus e livros de história do Brasil.

Os desenhos, por vezes irreverentes, por vezes mordazes, retratam eventos ocorridos à época do segundo império, mais precisamente no período de crises que já prenunciavam o declínio da monarquia. Assim sendo, D. Pedro II torna-se figura constante nas caricaturas mais populares da época, representado, nesses textos, sob o ângulo da crítica e do humor.

Os historiadores afirmam que Dom Pedro não se ofendia com as caricaturas e charges que dele se faziam. Ao contrário, divertia-se e não procurava censurar o trabalho dos caricaturistas, a despeito do que admoestavam seus conselheiros, que consideravam os desenhos um desrespeito ao imperador e diziam-lhe que acabasse com aqueles excessos.

Entretanto, o imperador, que sempre primou pela liberdade de expressão, era bastante tolerante com seus críticos, dos quais recebeu, em diversas ocasiões, caricaturas favoráveis, que reconheciam a honradez de sua conduta.

Mas se a Ângelo Agostini e seus colegas coube o mérito de registrar, sob a ótica do humor, o período mais tumultuado da monarquia, é preciso, também, que se faça justiça ao principal dos enfocados – o imperador: a liberalidade de Pedro II, sua extraordinária capacidade de entender o aspecto inteligente das críticas que lhe faziam, a sua larga visão de homem que não se utilizou do poder para impedir as irreverências contra ele cometidas. Irreverências que por vezes chegavam aos limites do atrevimento, ao apresentá-lo travestido, ou metamorfoseado em uma galinha. (TÁVORA: 1975, p.12)

1 Pedro II, o erudito

A biografia de Dom Pedro II é marcada por episódios dramáticos e comoventes, como sua precoce orfandade e sua infância solitária e reclusa na exclusiva preparação para assumir o cargo de imperador do Brasil – o que viria a acontecer também muito cedo, quando ele tinha apenas quatorze anos de idade. Mais tarde, o casamento sem amor, com uma princesa desconhecida, não escolhida por ele e de quem não se agradara ao conhecer pessoalmente. Nesse caso, não havia escolha, pois os casamentos da realeza eram, em verdade, acordos políticos, e não enlances românticos e felizes.

Esses e outros fatores contribuíram para a formação de um homem tímido, retraído, de gestos ponderados e com um ar de melancolia e solidão. Conforme conta Gilberto Freyre, a infância do príncipe foi solitária e triste, cheia de regras e proibições previstas num *Regulamento do Paço*, que determinava todas as suas atividades diárias, desde o acordar às sete da manhã, as refeições ao longo do dia – sempre acompanhado por um médico e uma camareira –, as lições de latim, francês, inglês, alemão, geografia, história e literatura, até a hora de se recolher, por volta das dez da noite. (FREYRE, 1987)

O rigor dessa rotina metódica de segregação e de estudos diários, sob constante vigilância, privou o príncipe de uma infância normal, de brincadeiras compartilhadas com outras crianças, até mesmo com suas duas irmãs, que também viviam no palácio, mas que via com hora marcada e restrita.

O jovem príncipe, desde muito cedo, refugiou-se nos livros, tornando-se um amante das ciências e das letras e, posteriormente, um monarca de grande erudição e muito apreço pelo conhecimento. A imagem de Pedro II ficou marcada por essa característica e, desde então, é associada a alguém estudioso, altamente letrado e amante dos livros. Em seu tempo, ele contava até mesmo

com o apreço e admiração de grandes nomes da ciência, da filosofia e das artes, como Nietzsche e Wagner.

Corroborando essa representação do monarca estudioso e erudito, não raro, Dom Pedro é retratado rodeado de livros, globos terrestres e instrumentos de pesquisa e astronomia, um de seus assuntos preferidos, como nesta ilustração da Revista Ilustrada:



O monarca aprende a ler. Em Revista Ilustrada, por Angelo Agostini

Revista Ilustrada²

Sua fama de leitor contumaz e grande incentivador da cultura e educação é, frequentemente, representada nas imagens do imperador, não apenas em fotos e quadros encomendados de grandes artistas da época, mas também em caricaturas de jornais e revistas, que o colocam, muitas vezes, nesse cenário de estudos ou de posse de um livro.

Muito dessa imagem do monarca erudito foi construída por ele mesmo, que se fazia retratar em quadros e fotos sempre rodeado de livros. Dom Pedro trabalhava para construir essa imagem e buscava fixar essa representação de si mesmo na memória coletiva.

Mas nem sempre essa sua característica era mostrada de maneira positiva. Para alguns, o imperador tinha *mania* de erudição. Muitos brasileiros não

² As charges publicadas pela Revista Ilustrada usadas neste artigo não estão com a data exata da publicação. Foram publicadas no final do séc. XIX

entendiam a paixão do imperador por estudos de linguística, arqueologia, línguas mortas e outros tantos assuntos que *nada tinham a ver* com a política ou a vida da nação (SCHWARCZ, 1998, p.419). Por isso, em vários momentos, ele é retratado como um alienado da realidade ou alguém que vive nas nuvens, como nesta charge publicada na Revista Ilustrada:



“D. Pedro, nas nuvens, observa a distante realidade.”

Em uma sequência de caricaturas, D. Pedro é representado lendo os seus livros – quando não estava cochilando – dentro “Carro do Estado”, uma carruagem que, nas revistas de humor, simbolizava o governo. O “carro” estava sempre atravessando caminhos íngremes, conduzido por diferentes “cocheiros” (ministros), enquanto D. Pedro, lá dentro, indiferente a tudo, está absorto em suas leituras:



O país, acorrentado pelo famoso “projeto adiantado”, será arrastado no caminho lamacento por onde vai o carro do Estado, conduzido pelo fazendeiro Saraiva. Mas a lavoura ficará tranquila!

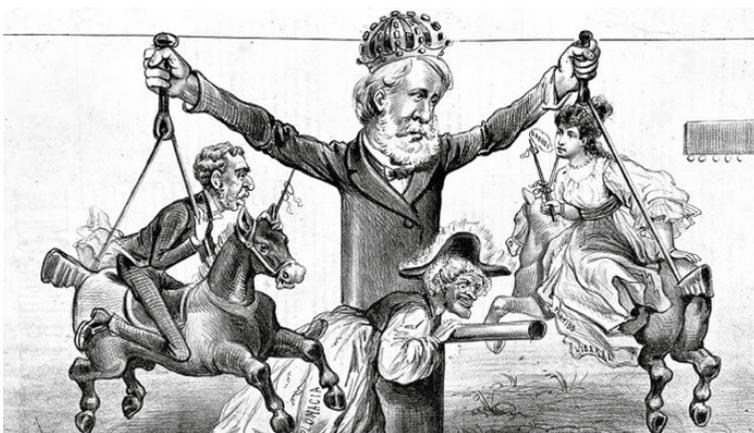


O Carro do Estado conduzido pelos conservadores.

Charge publicada em Revista Ilustrada por Ângelo Agostini *apud* TÁVORA, 1975

Entretanto, ele próprio, numa espécie de autobiografia, disse que eram infundados os boatos de que pretendia ser um sábio. Afirmava que tinha muito o que aprender, pois o cumprimento dos deveres não lhe dava folga para estudar como desejava, portanto, lia sempre que podia. (TÁVORA, 1975, p.22)

2 Pedro II e o jogo político



Caricatura publicada em "O Mequetrefe", 9/1/1878 por Cândido Aragonês de Faria

Nessa charge, o imperador é retratado como o eixo de um carrossel no qual giram cavalinhos que representam o partido liberal (identificado na barra do vestido da dama que monta o cavalo da direita) e o partido conservador, na figura do homem à esquerda. Girando o eixo do carrossel, está a “diplomacia”. Cândido Faria, nesse desenho, faz uma analogia da situação do governo naquele momento a um carrossel, em que os cavalos giram: os partidos políticos também “giravam” revezando-se no poder, num jogo político de diplomacia comandado pelo imperador.

A disputa pelo poder entre o partido liberal e o conservador instaurava, no governo, um clima de instabilidade e crise política. A fim de acalmar os ânimos e contornar as divergências, nomeavam-se ministros ora de um partido, ora de outro. Quando a situação se complicava, como aconteceu diversas vezes, o imperador dissolvia a câmara dos deputados, conforme lhe facultava a Constituição. Isso gerava um desgaste político, tornando-se assunto para dezenas de críticas nos jornais, muitas delas nas charges e caricaturas.

Exercendo o Poder Moderador, o imperador é retratado no meio dessa disputa pelo poder, sempre equilibrando a situação, esquivando-se do confronto direto com qualquer das partes. (TÁVORA, 1975, p.34). Nesta charge, Dom Pedro tenta controlar dois cães raivosos, ambos representam os liberais de um lado e os conservadores de outro. O imperador, de mato e coroa, segura as correntes e evita o confronto entre os cães:



Charge publicada em Revista Ilustrada por Ângelo Agostini

3 Pedro II, o itinerante

Dom Pedro viajou para muitos lugares dentro e fora do Brasil. Entre os anos de 1845 e 1860, ele percorreu diferentes regiões do país, chegando às mais longínquas províncias a fim de fortalecer a monarquia e promover a unidade nacional. (SCHWARCZ, 1998, p. 357) Por conta dessa peregrinação, o monarca afastava-se por muito tempo da corte, e os cartunistas costumavam explorar, em suas charges, esse aspecto da vida do imperador:



No álbum de glórias,
por Rafael Bordalo
Pinheiro, 1880. *in*
SCHWARCZ, 1998, p. 364

A caricatura acima mostra D. Pedro II pronto para partir para mais uma de suas frequentes viagens, deixando de lado seu cetro e coroa. A mala que ele segura atrás das costas representa a viagem iminente, e o cetro e a coroa constituem uma metonímia do império que o monarca “abandonava” frequentemente em favor de suas viagens. Observando com atenção, de dentro da mala cai o manto imperial, vestimenta que Dom Pedro II preferia não usar, optando, com mais frequência, pelo uso de casaco e cartola.

Em 1871, ele fez sua primeira viagem internacional, o que gerou críticas e controvérsias, porque alguns ministros consideravam a viagem inoportuna, devido à crise que se avizinhava sobre a monarquia brasileira, motivada por questões como a causa abolicionista. Não obstante, o imperador partiu em 25 de maio de 1871 rumo à Europa e ao Oriente Médio, numa viagem que durou dez meses. Foi a primeira vez que a princesa Isabel, aos 24 anos, ocupou o cargo de regente provisória.



A Grande Orquestra, publicada em 1876 na Revista *O Mosquito*, por Bordalo Pinheiro. in SCHWARCZ, 1998, p. 365

Na imagem acima, D. Pedro é retratado novamente segurando a mala de viagem. Desta vez, ele deixa sua filha, a princesa Isabel, regendo uma complicada orquestra. Sentado ao lado esquerdo da princesa, está o conde D'eu, seu esposo, virando as páginas da partitura que a princesa regente está seguindo.

Rafael Bordalo Pinheiro, grande caricaturista da geração de Agostini, chega a publicar um livreto intitulado *Apontamentos picarescos sobre a viagem do imperador do Rasilb pela Europa*, no qual ele representa com bastante sarcasmo as viagens do imperador. Na abertura da obra, que traz caricaturas e paródias de Pedro II, além de textos irônicos e recheados de humor, o artista faz a seguinte introdução:

Rasilb é uma nação florescente que se governa a si própria, mas que tem a condescendência de pagar a um imperador, para que este, a bem da administração pública, das finanças e do público desenvolvimento do paiz, estude hebraico e outras línguas mortas. Um dia S. M. o imperador do Rasilb presente que o seu povo começa a secar-se com ele e ele com seu povo. Resolve então viajar [...]

(PINHEIRO in SCHWARCZ, 1998, p. 364)

Em 1876, ele parte novamente para o exterior e, dessa vez, a viagem é mais longa, e o roteiro, mais variado: foi para os Estados Unidos – onde conheceu Thomas Edison e Grahman Bell –, Canadá, Ásia, África e Europa. O imperador, acompanhado de uma comitiva, empreendeu uma verdadeira maratona de

“volta ao mundo”, como afirma Lilian Schwarcz (1998, p. 373). O soberano tomara gosto pelas viagens e, por onde passou, fez questão de ser fotografado e retratado sempre que pôde. Consta que, dessas viagens, ele reuniu um acervo de mais de 21 mil fotografias.

Em suas viagens, Dom Pedro II abria mão dos rituais e se autodenominava um cidadão brasileiro, apenas Pedro de Alcântara. Tinha hábitos simples, usava trajes comuns – chapéu e casaca – visitava museus e escolas, como era de seu agrado, travava contato com os intelectuais que tanto admirava e impressionava, demonstrando enorme civilidade e erudição para um monarca dos trópicos.

Conforme afirma Schwarcz (1998), Dom Pedro vivia mais para a representação pública do que para si próprio; de modo que suas atitudes contêm muito de teatro e dissimulação, fazendo com que a população da corte se apropriasse dessa imagem (tratada) de um monarca sereno, sábio, impoluto. No exterior, compunha a figura do monarca cidadão, despojado de toda pompa da realeza e erudito. O monarca excursionou pela Europa, África e Oriente Médio, tendo visitado o Egito por duas vezes. Em alusão a essas viagens, foi representado como uma esfinge neste trabalho do caricaturista G. A. Roth.



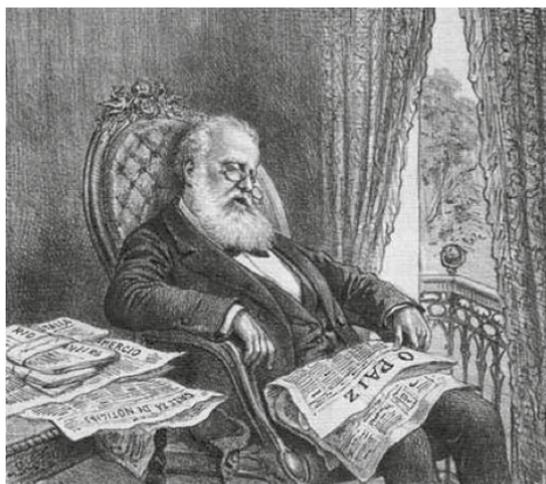
SPHINGE REPRESENTATIVA

Não fala porque não pode – ou antes porque não sabe. É para isso demasiado bronca. Trepadeiras te roam, granito!

G. A. Roth em *O Diabo a Quatro*, 29/9/1978

4 Pedro II, velho e cansado

Após seu regresso ao Brasil, o monarca começa a dar sinais de cansaço e enfado com as obrigações reais. Ele, que se identificava mais como um intelectual do que como um imperador, após a temporada na Europa, onde tivera contato com grandes nomes da ciência e da cultura, via-se agora de volta à vida que não escolhera e que não teria escolhido se pudesse. Esta charge, de Ângelo Agostini, que estampou a capa de um número da Revista Ilustrada, retrata Dom Pedro cochilando com o país (metonímia do jornal) em seu colo.



El Rey, nosso Senhor, e amo, dorme o sono da indiferença. Os jornais que diariamente trazem os desmandos desta situação parecem produzir em Sua Majestade o efeito de um narcótico

Agostini, Ângelo. 05.02.1887. *Apud Távora, 1975*

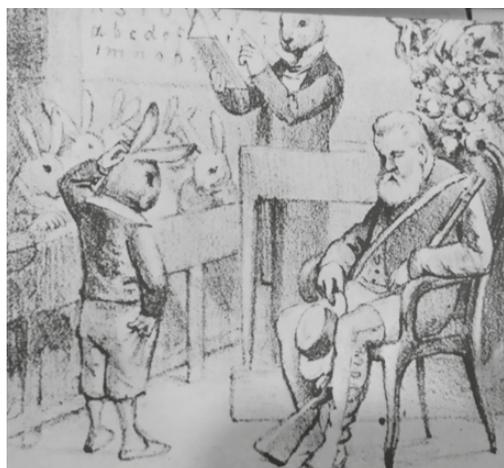
Talvez uma das imagens mais marcantes de Dom Pedro II nas caricaturas seja a do monarca cochilando nas mais variadas situações e lugares. Ângelo Agostini assim o retratou por diversas vezes na *Revista Ilustrada*, contribuindo para uma representação do monarca cansado e displicente, velho demais para continuar ocupando o cargo de imperador da nação

Como era de seu costume e gosto, o imperador frequentava os colégios a observar as aulas e os alunos em exames; conforme ele afirmou, gostava de observar e conhecer as habilidades individuais. Mesmo nessas ocasiões, os cochilos do imperador são flagrados e deflagrados nas charges que não se fartam de ironizá-lo.



Uma sessão no Instituto Histórico.
A. Agostini, Revista Ilustrada, 1887.

As charges da década de 1880 estão repletas dessa representação – do monarca velho e de longas barbas brancas, apesar de ainda não ter completado os sessenta anos. Várias são as marcas de sua personalidade e aparência exploradas pelos caricaturistas, como as pernas finas e a voz estridente, a capacidade de dissimulação e a mania de erudição. Entretanto, a sonolência é um aspecto que se destacava nesses desenhos. (SCHWARCZ, 1998, p.420)



É geralmente nas escolas que grande caçador vai, de preferência
Mas aí o tempo vinga-se, deitando-lhe papoulas.
Em Revista Ilustrada, 1887.



Distribuição dos prêmios da última exposição das Belas Artes. Em Revista Ilustrada, 1887.

Sobre as críticas que lhe faziam nesse sentido, Dom Pedro II assim justificou:

Se cochilo, é porque também fico fatigado, *homo sum*, etc., e tenho ido a conferências e outros atos depois de despachos que duraram até madrugada até duas e mais horas da manhã. Não o faço para mostrar robustez, mas porque desejei sempre animar, nessas conferências, as letras e as ciências.

(Pedro II *in* TÁVORA, 1975, p.22)

Considerações finais

Conforme a historiadora Lilia Moritz Schwarcz (1998, p.12) ressalta, qualquer história permite várias narrativas e diferentes leituras. De certo, a figura do segundo imperador do Brasil suscita diversas e controversas representações. Muitas delas podem ser vistas nos traços dos caricaturistas de seu tempo, que, munidos de seus lápis talentosos, vão colocar nas folhas de papel a interpretação que tinham do imperador e do homem Pedro II.

Por vezes bem-humoradas, por vezes cáusticas, essas imagens reúnem importantes percepções da história e refletem o clima de opinião da época. As diversas formas de representação do imperador imprimem, nesses quadros, o

ponto de vista dos jornalistas e caricaturistas do período oitocentista acerca dos fatos políticos da época.

A charge e a caricatura constituem importantes documentos históricos e culturais que registram, sob o viés humorístico, aspectos peculiares de uma personalidade ou de um fato. O humor não diminui a validade histórica desse registro, mas pode contribuir para a melhor compreensão de nossa história. Assim, analisar as charges e caricaturas produzidas em um tempo remoto propicia uma aproximação de questões que envolvem a formação da identidade e do imaginário social coletivo e individual.

Referências

FREYRE, Gilberto. “Dom Pedro II, imperador cinzento de uma terra de sol tropical.” In FREYRE, Gilberto. *O perfil de Euclides e outros perfis*. (1944). Rio de Janeiro: Record, 1987.

LEMOS, Renato (org). *Uma história do Brasil através da caricatura*. Rio de Janeiro: Bom Texto, Letras e Expressões, 2001.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo/ Edson Carlos Romualdo*. Maringá: Eduem, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TÁVORA, Araken. *Pedro II através da Caricatura*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.